



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Noronha Porto, Ana Paula

Os Problemas Mais Graves e Mais Frequentes no Uso dos Testes Psicológicos

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815115>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Os Problemas Mais Graves e Mais Frequentes no Uso dos Testes Psicológicos

Ana Paula Porto Noronha<sup>1</sup>  
Universidade São Francisco

---

### Resumo

Considerando a importância da Avaliação Psicológica na atuação profissional do psicólogo, este estudo teve como objetivos identificar os problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos, segundo a concepção de psicólogos licenciados. Participaram como sujeitos do estudo 214 psicólogos inscritos no CRIJ. O instrumento utilizado foi um questionário enviado pelo correio. Os resultados demonstraram que: 1) segundo os psicólogos, os problemas mais graves no uso dos testes psicológicos são os relativos aos próprios instrumentos e ao seu uso; 2) os problemas mais frequentes no uso dos testes psicológicos, segundo os sujeitos, são os relativos ao instrumento e à formação dos psicólogos. Conclusão indica que é necessário o estabelecimento de parâmetros específicos para a formação na área.

*Palavras-chaves:* Avaliação psicológica; formação profissional; testes psicológicos.

### The Worst and the Most Common Problems in the Use of the Psychological Tests

### Abstract

Considering the importance of the Psychological Assessment in the psychologist's professional practice, this study aimed to identify the worst and the most common problems in the use of the psychological tests used by the subjects sample. The subjects of this study were 214 licensed psychologists from the CRIJ Section 6<sup>a</sup> and the instrument used was a questionnaire sent to them by mail. Results showed that, according to the psychologists, the worst problems in the use of the tests are related to the instruments themselves and their use. The most frequent problems in the use of the psychological tests, according to the subjects, are related to the instrument and the academic preparation of psychologists. Conclusion indicates that there is a crucial need to establish parameters specific for academic preparation in this area.

*Keywords:* Psychological assessment; academic preparation; psychological tests.

---

### A Avaliação Psicológica e os Testes Psicológicos

A avaliação psicológica é uma atividade profissional bastante questionada e controvertida na Psicologia. A avaliação não teve um início que lhe conferisse simpatia: começou com a rotulação dos doentes e débeis mentais e foi muito criticada por seus métodos

e pesquisas. No que tange à avaliação, é necessário para reconhecer-lhe a importância.

Para Pasquali (1992), as concepções e procedimentos da avaliação psicológica são muito variados. Mas é necessário, apoiando um método, evitar as devidas a confusões e incompreensões.

Ainda são presentes os questionamentos sobre a necessidade ou não da avaliação

No entanto, não parece ser possível estabelecer uma concordância entre a comunidade psicológica, no que diz respeito aos métodos e às técnicas utilizadas, assim como ao tempo previsto para a realização da avaliação, e aos procedimentos, pois considerando que a Psicologia é uma ciência em que muitas orientações teóricas e leituras de homem são possíveis, e considerando ainda, que há dentro da psicologia uma grande variedade de contextos de atuação do psicólogo, o que exige dele diferentes posturas de acordo com as necessidades específicas, certamente diferentes processos avaliativos são necessários. É compreensível que, de tal subdivisão, decorram diferentes estilos e posturas profissionais e essas diferenças podem trazer contribuições para a área, à medida que estimulam reflexões, discussões e críticas; acredita-se, desta forma, que o resultado disto seja positivo e gere o desenvolvimento.

Muitos são os estudos e as pesquisas que geram discussões a respeito da Avaliação Psicológica. Azevedo, Almeida, Pasquali e Veiga (1996) apontam que o baixo teor científico dos instrumentos padronizados vem sendo veementemente denunciado. Esses autores discutem que o fato de estudos na área estarem sendo realizados revela uma melhor reputação da investigação psicológica e do uso de instrumentos padronizados. Apontam também para os últimos estudos que partem do princípio de que a avaliação psicológica é indispensável, e procuram destacar a melhora da qualidade dos instrumentos padronizados.

### **Problemas Relativos à Avaliação Psicológica e aos Testes Psicológicos**

Segundo Wechsler (1999), o Brasil encontra-se na retomada dos estudos sobre Avaliação Psicológica. Para ela, nos últimos quinze anos, a avaliação psicológica sofreu um descrédito, em que os testes passaram a ser criticados por não serem adequados à realidade brasileira. Dentre os principais problemas apresentados pelos testes psicológicos, os autores destacam: definição pouco

avanços necessários ainda não foram feitos. Por outro lado, em outras realidades, este tipo de teste vem obtendo os resultados esperados. Para pesquisar os parâmetros psicométricos dos testes psicológicos, a fim de se obter instrumentos de qualidade e mais confiáveis (Groth-Morris, 1995; Messick, 1995; Reynolds, 1998; Zimiles, 1998).

Um destaque deve ser dado para Almeida, Prieto, Muñiz e Bartram (1999), que em um estudo interessante a respeito do uso de testes em alguns países – Portugal, Espanha e Itália – e chegaram à conclusão de que (dentre eles o Brasil) – e chegaram à conclusão de que os problemas mais freqüentes na prática são: não xerocar material de testes; usar testes inadequados em algumas situações; não estar em sintonia com a realidade da área; avaliações incorretas; não usar ferramentas padronizadas; não ter clareza das limitações dos testes quanto às normas; aplicação de testes por profissionais sem os instrumentos para os determinados fins; não arquivar os instrumentos e não dar o devido valor aos estudos dos testes e fazer interpretações equivocadas do instrumento.

Os autores salientam que não existe uma padronização na atuação na área, não se avalia competência dos usuários de instrumento psicológico, não se determina uma conduta comum de forma de aplicação, assim como não se estabelecem cursos de formação para relacionar os problemas encontrados na prática profissional, com os problemas encontrados nos testes psicológicos. Em relação ao uso de cópia xerocópia de material de testes citado no estudo de Almeida, Prieto, Muñiz e Bartram (1999), o trabalho desenvolvido por Oaklander (1999) também faz referência ao tema, atribuindo a ele uma das causas dos problemas que impedem o desenvolvimento dos testes.

Outros estudos desta natureza têm sido realizados, como o de Halperin e McKay (1998), que revisaram os testes psicológicos usados em

manuais de testes, discussão que vinha sendo privilegiada até então. Por outro lado, já se ressaltou no estudo de Almeida e colaboradores (1998) que existe uma clara relação entre problemas nos instrumentos psicológicos e problemas na formação profissional do psicólogo que constrói e usa os referidos instrumentos.

Ainda dando margem a esta questão, da relação entre formação profissional e uso de instrumentos, parece claro que a formação de um psicólogo em cinco anos de universidade, não é suficiente para aprimorá-lo em todas as áreas de conhecimento, embora devesse sê-lo. No estudo realizado por Hays e Wellard (1998) a respeito da formação em avaliação psicológica, ficou evidente a necessidade de que o recém-formado continue os estudos na área após a graduação.

Pode-se entender que para os autores citados, os problemas encontrados na avaliação psicológica, e em especial nos testes psicológicos, referem-se prioritariamente à formação do profissional que utiliza os instrumentos, às deficiências nos próprios instrumentos, assim como à falta de pesquisas que promovam satisfatoriamente o desenvolvimento da área. Por trás deste cenário em que predominam controvérsias e polêmicas, existem duas preocupações básicas: como a avaliação tem sido entendida e utilizada pela comunidade profissional e como ela tem sido proposta e ensinada nos cursos preparatórios.

É importante que as pesquisas na área estejam preocupadas com a criação de instrumentos novos, com a atualização de instrumentos existentes, com a verificação dos parâmetros psicométricos dos instrumentos, assim como com a solução de problemas presentes na avaliação psicológica como um todo. Outros estudos desenvolvidos versam sobre quais são os instrumentos mais usados pelos psicólogos e os problemas mais presentes na avaliação, segundo esses profissionais (Almeida e colaboradores, 1998; Noronha, 1999).

Embora os avanços da avaliação sejam claros, sobretudo quando se relaciona a situação atual da área com os primeiros

### Participantes

Participaram como sujeitos 150 psicólogos sendo que 86,0% eram do sexo masculino e 14% ( $n=30$ ) do sexo feminino. A idade dos sujeitos variou de 39 a 76 anos, com uma média de 48,2 anos e o desvio padrão de 10,5 anos. A maioria dos sujeitos tinha entre 41 a 50 anos (69,2%,  $n=148$ ), seguido de 51 a 60 anos; 5,1% ( $n=11$ ) de 61 a 70 anos, 0,9% ( $n=2$ ) de 39 a 40 anos e 0,9% ( $n=2$ ) de 71 a 76 anos.

Todos os psicólogos estavam trabalhando em uma Região e foram identificados em uma cidade (Campinas) de acordo com p

### Materiais

O material utilizado no presente estudo foi composto de um questionário dividido em duas partes: a primeira com dados de identificação (idade, sexo, ano de formação e área profissional) e a segunda com informações relacionadas ao desenvolvimento profissional (informações relacionadas ao desenvolvimento profissional, ano de publicação da avaliação profissional e horas de trabalho). O questionário foi enviado aos psicólogos por e-mail, juntamente com os testes psicológicos (informações relacionadas ao desenvolvimento profissional, ano de publicação da avaliação profissional e horas de trabalho). Os instrumentos padronizados utilizados foram os testes psicológicos, segundo os psicólogos, segundo os psicólogos.

O material foi enviado pelos psicólogos em um envelope etiquetado para fins de identificação. Foram enviados 3000 questionários e, após um prazo de 30 dias, foram recebidos 214 (7,14%) questionários. Tendo em vista que nove questionários não foram respondidos, justificando a não participação.

As categorias utilizadas nesta análise serão descritas a seguir:

*Formação:* nesta categoria foram incluídas todas as respostas relativas à formação profissional, tanto a básica (graduação), quanto à pós-graduação, tais como os relacionados às Instituições de Formação, aos órgãos de classe, aos docentes e aos próprios psicólogos. A seguir estão alguns exemplos de respostas classificadas nesta categoria: “Falta de reciclagem profissional”, “Psicólogo escondido atrás dos resultados dos testes”, “Desconhecimento da base teórica”.

*Uso:* foram incluídas as respostas que expressavam comentários à adequação ou inadequação de instrumentos de avaliação, tanto no que se refere à aplicação, avaliação ou interpretação dos resultados. Alguns exemplos de respostas classificadas nesta categoria: “Falta de clareza do que se está medindo”, “Mau uso do material”, “Uso limitado do instrumento e de suas possibilidades” e “Uso mecânico dos testes”.

*Instrumento:* foram incluídas nesta categoria, respostas relativas aos problemas específicos dos instrumentos de avaliação mencionados, quer fossem relacionados à construção deles, às suas características psicométricas, revisões, normas ou qualquer outro problema desta natureza. Encontram-se abaixo relacionados alguns exemplos de respostas: “Material antiquado”, “Padronização estrangeira”, “Crivos deixam a desejar” e “Faltam atualizações das normas”.

*Ético:* nesta categoria foram relacionadas as questões éticas advindas de quaisquer dos princípios apontados no Código de Ética profissional do Psicólogo ou outros aspectos identificados pela prática dos sujeitos. Como exemplos: “Falta de ética na entrega dos resultados”, “Testes conhecidos pelos candidatos”, “Leigos têm acesso” e “Cópia do instrumento para diminuir custos”.

*Epistemológicos:* foram incluídas nesta categoria respostas que tratavam de análises críticas dos princípios, hipóteses e resultados da Ciência Psicológica e em especial da Avaliação

Psicológica e de seus instrumentos. Algumas das respostas: “Entendidos como verdades absolutas”, “Utilidade para prevenção”, “Não medem a realidade”, “Fazem inferências”.

*Outras respostas:* foram incluídas as respostas que não tinham ou com sentido dúbio e as respostas que não se enquadravam em nenhuma outra categoria. Como exemplo, “Retirada do currículo obrigatório”, “Material para avaliar crianças menores de 18 anos”, “Autoritarismo técnico” e “Uso incorreto na nomenclatura”.

*Respostas em branco:* pertencem a este grupo as respostas de protocolos cujas perguntas não foram respondidas.

Observou-se que mais da metade dos sujeitos respondeu à questão – enumere os problemas encontrados no uso dos testes psicológicos – (55,1%). Deste total, 29,9% ( $n=64$ ) justificaram que não usavam testes psicológicos ou deixaram a questão em branco (Tabela 1).

Dos protocolos respondidos ( $n=99$ ), a categoria de maior frequência analisada foi *instrumento* (32,9%,  $n=99$ ), seguida por *uso* (25,9%,  $n=78$ ), *formação* (19,3%,  $n=59$ ), *ético* (10%,  $n=30$ ), *epistemológico* (9,6%,  $n=29$ ) e *outras* (2,3%,  $n=7$ ). A categoria *instrumento* que recebeu mais críticas foi considerada o mais grave problema para a atuação da Avaliação Psicológica.

Foi realizado o teste de qui-quadrado para verificar a homogeneidade da distribuição; observou-se diferença significativa entre as categorias ( $\chi^2=20,515$ ;  $n.g.l. 5$ ;  $p<0,001$ ), o que sustentou a hipótese de distribuição uniforme dos problemas pelos sujeitos foi rejeitada.

No que se refere aos problemas mais citados nos instrumentos de avaliação psicológica, as respostas utilizadas para a análise foram as mesmas da questão anterior, ou seja, *formação*, *uso*, *instrumento*, *ético*, *epistemológico* e *outras*.

*epistemológico, outras respostas, respostas em branco.* A seguir, são apresentados alguns exemplos pertinentes às categorias:

*Formação:* “Nem sempre é feita por profissionais capacitados”, “Necessidade de treino” e “Conhecimento de poucos testes”.

*Uso:* “Avaliação incorreta”, “Falta de clareza da aplicação”, “Erro de aplicação”, “Erro de avaliação”.

*Instrumento:* “Padrão deveria ser corrigido a cada 10/5 anos”, “Alto custo do material”, “Faltam instrumentos para diferentes realidades”, “Faltam amostras brasileiras”.

*Ético:* “Muito divulgado na mídia”, “Divulgação dos resultados a terceiros”, “Popularização dos instrumentos”, “Divulgação dos testes a leigos”.

*Epistemológico:* “Pouca margem de flexibilidade às idiossincrasias”, “Visão parcial do indivíduo”, “Estigmatizam”, “Catalogam”.

*Outras respostas:* “Não tenho encontrado dificuldade”, “O método é pouco difundido, facilitando panelinhas profissionais”.

Em relação à discussão dos problemas mais frequentes apontados pelos psicólogos, novamente 51,4% dos sujeitos ( $n=110$ ) não responderam, sendo que 33,2% ( $n=71$ ) justificaram que não responderiam porque não utilizam testes psicológicos e 18,2% ( $n=39$ ) deixaram a questão em branco. Dos protocolos respondidos, 37,8% das respostas ( $n=124$ ) associaram os problemas mais frequentes ao *instrumento*; 27,5% ( $n=90$ ) relacionaram à *formação*; 19,5% ( $n=64$ ) ao *uso*; 8,5% ( $n=28$ ) ao *epistemológico*; 5,2% ( $n=17$ ) ao *ético* e 1,5% ( $n=5$ ) a *outras respostas*.

Os sujeitos apontaram aspectos do instrumento como o problema mais frequente em relação às categorias de respostas. Notou-se que houve diferença significativa entre as categorias ( $X^2=50,42$ ;  $X^2_{c}=20,515$ ; *n.g.l.* 5;  $p<0,001$ ), o que significa dizer que a hipótese de distribuição igual entre as categorias de resposta foi rejeitada.

Em relação ao segundo objetivo do estudo, ou seja, verificar os instrumentos mais usados pelos psicólogos,

psicanalista”; “não tenho com trabalho em treinamento”; “s

Quando se solicitou aos s instrumentos mais usados em s citações, sendo que em 83,6% foram devidamente identifica citações, os dados fornecidos p uma identificação adequada de 37) das citações foram referen Psicológica, como por exemp desenho livre e jogo de areia.

Os dez instrumentos mais c WISC – D. Wechsler (15%,  $n=$  Temática Infantil – C.A.T. (f L. Bellak e S.S. Bellak (13,9% Buck (13,6%,  $n=38$ ); Teste Bender – L. Bender (13,2%,  $n=$  Temática – T.A.T. – H. A. M de Warteg – E. Wartegg (9,3% Rorschach (8,6%,  $n=24$ ); Test – W. Trinca (6,8%,  $n=19$ ); Tes (escalas geral e avançada) – J. Teste de Pirâmides Coloridas

Tabela 2. Testes Psicológicos Psicólogos

Instrumentos
WISC
CAT
HTP
Bender
TAT
Wartegg
Rorschach
Teste de Desenho História
Matrizes Progressivas
Pfister

construtos, se as amostras utilizadas para a padronização dos instrumentos fossem brasileiras, se fossem realizadas mais pesquisas sobre validade e fidedignidade, se as instruções fossem melhor estruturadas, se os manuais fossem completos, se houvesse instrumentos para avaliar diferentes realidades sócio-culturais, ou ainda, se o custo do material não fosse tão alto.

Tais exigências dos sujeitos não parecem exageradas, já que muitos autores têm falado sobre isso, como por exemplo, Wechsler (1999) que sugeriu um Guia de Procedimentos Éticos para a Avaliação Psicológica, em que consta: “Ao selecionar um teste psicológico, o psicólogo deve:

(...) considerar as características psicométricas do instrumento a ser utilizado, tais como sensibilidade, validade, precisão e existência de normas específicas ou gerais para a população brasileira, (...) verificar se o manual do teste possui informações necessárias para aplicação, correção e interpretação dos resultados do mesmo” (p. 136).

Ainda em relação aos problemas graves, os psicólogos justificam também que esses problemas não estariam ocorrendo se os testes não fossem aplicados indevida, indiscriminada e mecanicamente; por pessoal não qualificado, sem critérios; com instruções erradas; se não houvesse erro de avaliação; supervalorização do quantitativo; interpretação generalizada e o uso de um único instrumento como resultado definitivo.

Tendo em vista estas colocações, vale lembrar que “(...) cabe exclusivamente ao psicólogo a responsabilidade pela qualidade da aplicação dos testes psicológicos, sendo esta condição essencial para a obtenção de um resultado fidedigno”, “(...) o psicólogo deverá respeitar rigorosamente as instruções, os exemplos, o tempo e outras orientações que se encontram no manual ou no próprio caderno de teste, evitando quaisquer improvisações que possam comprometer todo o processo de validade do instrumento” (Wechsler, 1999, p. 137).

Em relação aos problemas mais frequentes, as categorias de respostas que apresentaram maior frequência foram

psicólogo fosse melhor formado na área, que ensinam nas Instituições de Ensino, mais qualificados, se a prática e a carga horária fossem maiores e se houvesse melhores instrumentos para a comunidade de psicólogos.

Mais especificamente em relação ao uso dos instrumentos psicológicos, os resultados deste estudo concordância com o trabalho desenvolvido por Custódio e colaboradores (1996), no qual objetivaram avaliar os instrumentos psicológicos mais utilizados e identificar a opinião dos psicólogos a respeito. Constatou-se que metade da amostra utilizava um recurso disponível e possível ao psicólogo, se também que a maioria dos sujeitos não utilizava os testes, mas com as seguintes ressalvas: não usado respeitando os princípios éticos e a metodologia de um processo de avaliação, que inclui a escolha de instrumentos.

Parece estar claro que tais problemas são atribuídos ao instrumento, ao uso dele pelo psicólogo profissional, e por trás disso, encontra-se o psicólogo que não está preparado para aplicar os instrumentos, o psicólogo que não os utiliza corretamente e o psicólogo que não está sendo bem formado.

Na verdade, esta é uma discussão ampla sobre as muitas instâncias do ser e do fazer psicológico. De um lado existe o psicólogo que está atuando, mas que não está preparado para as solicitações da prática profissional e que não está atualizado. De outro lado, tem-se instituições formadoras que não estão de acordo com as necessidades profissionais. Por outro lado ainda, tem-se os pesquisadores cujos resultados e descobertas não estão sendo transmitidos adequadamente e eficientemente.

Como pondera Custódio (1996), a “culpa” da avaliação psicológica incorreta é atribuída ao profissional que não está preparado para a prática diagnóstica incorreto é atribuída ao profissional que não está padronizado. Essa colocação é corroborada por Custódio (1996), que afirma que a avaliação psicológica

preparado para isto, certamente estará para compreender os fenômenos psicológicos representados pelos dados numéricos.

A análise crítica dos psicólogos deve ser tão priorizada quanto os dados fornecidos pelos instrumentos, pois eles têm limites e isso não poderia ser diferente, pois em qualquer ciência, os instrumentos têm função auxiliar. A formação e a atualização adequadas do profissional, ao lado de sua experiência, deveriam, evitar tais inconvenientes.

No que diz respeito aos instrumentos psicológicos mais utilizados na prática profissional dos psicólogos, observou-se que grande parte dos sujeitos não os utiliza, enquanto outra parte deixou a questão em branco, o que revela o pequeno compromisso dos sujeitos com o desenvolvimento de sua profissão, considerando que pesquisas científicas promovem o avanço de qualquer área de conhecimento.

A questão solicitava os instrumentos psicológicos mais utilizados na prática profissional e seria aceitável que os sujeitos se manifestassem dizendo que avaliam, mas sem utilizar instrumentos padronizados, mas por outro lado, as justificativas apresentadas caminharam para um discurso antigo, em que o preconceito pelo teste psicológico ainda se faz presente e, em que ainda, o teste é sinônimo de avaliar.

Em relação aos instrumentos mencionados, observou-se que a grande maioria tem como objetivo avaliar a personalidade do indivíduo, enquanto uma menor parte objetiva avaliar a inteligência. Estes dados podem ser corroborados pelo estudo promovido por Almeida e colaboradores (1998), já que dos instrumentos mais utilizados pelos psicólogos da Espanha, de Portugal e dos Países Iberoamericanos, oito diziam respeito à avaliação da personalidade. Embora o instrumento da autora deste estudo solicitasse que o sujeito identificasse os testes psicológicos mais usados, alguns psicólogos citaram técnicas de avaliação, o que revela determinada confusão conceitual.

Para Oakland (1996), os testes são fortes em países

É certo que o estudo não re-  
existentes, até porque este não  
estudos na área são necessários  
formação profissional, à co-  
avaliação quando realizada em  
concepção de Avaliação Psico-  
de diferentes formações profiss-  
relevantes necessários.

## Considerações

Vale destacar que, embora  
tenham sido divididas em  
compreender melhor os dados  
todos eles têm em comum a a-  
profissional do psicólogo. A im-  
a ação do psicólogo e, para  
com um mínimo de problemas  
se investir na preparação do  
necessidade de se olhar para i

## Referências

- Adánz, G. P. (1999). Procedimientos  
psicométricos. Em S. M. Wechsler  
*psicológica: Perspectiva internacional*  
Psicólogo.
- Aftanas, M. S. (1994). On revitalizing the  
*Psychologists*, 49(10), 889-890.
- Almeida, L. S., Prieto, G., Muñiz, J. & B-  
em Portugal, Espanha e Países Ibe-  
Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Fma*  
Alegre: Artes Médicas
- Ancona-Lopez, M. (Org.) (1987). *Avalia*  
Azevedo, M. M., Almeida, L. S., Pasqua-  
lização dos testes psicológicos no  
em Brasília. Em L. S. Almeida, S. Ar-  
& M. R. Simões (Orgs.), *Avaliação*  
(213-219). Braga, Portugal.
- Bruno, M. L. (1995). Utilização de teste  
*de Psicologia*, 45(102), 81-84.



- Noronha, A. P. P. (1999). *Avaliação psicológica segundo psicólogos: Usos e problemas com ênfase nos testes*. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia, PUC-Campinas, Campinas, SP.
- Oakland, T. (1996). Qualities that will influence testing and assessment practices with children and youth toward the beginning of the twenty-first century: International perspectives. *Psicologia Escolar e Educacional*, 1(1), 11-18.
- Oakland, T. (1999). Emerging testing and assessment practices with children and youth. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Avaliação Psicológica: Perspectiva internacional*. (pp. 119-131). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (1991). *Relatório do Encontro de pesquisadores em psicometria*. Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (texto mimeo).
- Pasquali, L. (1992). Avaliação psicológica: Questões e controvérsias [Resumos]. *Anais do Iº Congresso Nacional de Psicologia Escolar* (pp. 25-27). ABRAPEE/Campinas - PUCCAMP.
- Reynolds, C. R. (1998). Reliability of performance on the test of memory and learning (TOMAL) by an adolescent learning disability sample. *Educational and Psychological Measurement*, 58(5), 832-835.
- Saccuzzo, D. P. & Johnson, N. E. (1995). Traditional and proportionate representation: An inter-rater reliability evaluation study. *Psychological Assessment*, 7(2), 183-188.
- Salvia, J. & Ysseldyke, J. (1991). *Avaliação em educação especial*. São Paulo: Manole.
- Wechsler, S. M. (1999). Guia de procedimentos de avaliação psicológica. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Avaliação psicológica: Perspectiva internacional* (pp. 133-141). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Witter, G. P. & David, J. B. (1996). Avaliação da Pós-Graduação em Psicologia: Auto e hetero-avaliações. *Estudos de Psicologia*, 1(1), 1-10.
- Zimiles, H. (1996). Rethinking the validity of psychological assessment. *American Psychologist*, 51(9), 980-981.

#### Sobre a autora

**Ana Paula Porto Noronha** é Docente da Graduação em Psicologia e do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Universidade São Francisco (USF). Doutora em Psicologia: ciência e Profissão pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP.